



Roma, 15 de setembro de 2014

*Os Missionários Combonianos do Coração de Jesus
As Irmãs Missionárias Combonianas
As Missionárias Seculares Combonianas
Os Leigos Missionários Combonianos*



1864 - 2014

*Carta para os 150 anos
do Plano*



da sua criatividade obediente, o Plano para a regeneração da África. Trabalharemos com os olhos fixos no mesmo objetivo que Comboni tinha nos olhos e no coração, também se todos não faremos a mesma coisa ou não a faremos do mesmo modo. O reconhecimento mútuo, o respeito e a valorização da diversidade de serviços e de papéis fortalecerão a comunhão e permitirão que sejamos testemunhas no mundo missionário, de uma *diversidade* finalmente reconhecida e reconciliada.

Queremos, na verdade, que na Família comboniana de hoje haja espaço para a diversidade reconhecida na igualdade do estilo de vida; queremos aprender a reconhecer os talentos de cada grupo para fazê-los frutificar em função do Reino, trabalhando em rede...

Que todos os nossos irmãos e irmãs santos e mártires, começando com os prisioneiros da Mahdia, nos ajudem. Ajude-nos sobretudo nosso pai São Daniel que nos queria “santos e capazes”, capazes de relações novas e verdadeiramente evangélicas, capazes de vivermos a igualdade na diversidade, fazendo causa comum com os pobres e os excluídos, sem tirar-lhes o direito de serem sujeito das próprias escolhas de vida e do próprio caminho de fé.

Só assim poderemos responder de forma eficaz aos grandes desafios emergentes que o mundo nos apresenta.

Roma, 15 de setembro de 2014

150 anos do Plano para a Regeneração da África

*Os Missionários Combonianos do Coração de Jesus
As Irmãs Missionárias Combonianas
As Missionárias Seculares Combonianas
Os Leigos Missionários Combonianos*

O PLANO NA HISTÓRIA DOS FILHOS E FILHAS DE COMBONI AO LONGO DESTES 150 ANOS

“Desde 1857, quando me encontra na missão dos Kich no Rio Branco, aqui na África Central, passei por todas as provas deste difícil apostolado. E tendo estado onze vezes a ponto de morrer por causa do clima e das enormes fadigas, vi-me na necessidade de regressar à Europa, onde, após alguns anos, já restabelecido, pensei no modo de voltar a este campo de batalha para nele sacrificar a vida para a salvação dos negros. Foi a 18 de setembro de 1864 quando, ao sair do Vaticano, onde tinha assistido à beatificação de Margarida Maria Alacoque, me veio à mente apresentar à Santa Sé, a ideia do Plano para retomar o apostolado da África Central. O Sagrado Coração de Jesus fez-me superar todas as enormes dificuldades para realizar o meu Plano para a Regeneração da África, com a própria África” (Escritos 3302).

Aos membros dos Institutos combonianos A todas as pessoas que se inspiram no carisma de São Daniel Comboni

1. Cordial saudação

Queridas e queridos,

Com esta mensagem, queremos celebrar os 150 anos do *Plano para a Regeneração da África*, aquele Plano em relação ao qual Daniel Comboni sentiu a necessidade de fundar, em

Verona, o *Instituto das Missões para a Nigrizia*, com a variedade de seus membros: homens e mulheres, religiosos e leigos.

Nascidos do *Plano* e para o *Plano*, não podemos esquecer que este é o legado que nos deixou o Pai Fundador, uma herança preciosa que, ainda hoje, a família comboniana quer acolher e conservar com profunda gratidão, responsabilidade e compromisso.

Nós, os responsáveis dos Institutos que ele fundou – Irmãs Missionárias Combonianas Pie Madri della Nigrizia e Missionários Combonianos do Coração de Jesus – e das outras expressões missionárias que se inspiram em seu carisma – Missionárias Seculares Combonianas e Leigos Missionários Combonianos – cientes também de tantas outras pessoas e grupos de leigos que, cada vez mais numerosos, e de várias maneiras, vivem conosco a paixão missionária comboniana, quisemos escrever esta carta para compartilhar uma pequena reflexão sobre o Plano que continua a acompanhar a nossa vida missionária e nos desafia a tornar-nos resposta para as várias situações missionárias que vivemos hoje em todos os lugares onde estamos presentes.

Com esta carta, também queremos expressar o nosso desejo de mostrar a relevância e a validade das intuições que São Daniel Comboni foi capaz de reunir nas páginas do Plano, reconhecendo que foi um instrumento verdadeiro e eficaz para o trabalho missionário, realizado por tantos irmãos e irmãs durante estes 150 anos, primeiro na África e, posteriormente, em outras partes do mundo.

Queremos que a nossa reflexão seja, se possível, também uma forma de **celebrar** este aniversário, deixando-nos tocar pelas urgências da missão que, apesar dos esforços consideráveis, realizados para levar o Evangelho a todos os que estão distantes, continuam a nos desafiar.

missão, vivendo lado a lado com os povos de diferentes culturas e fé.

Este diálogo se manifesta nos gestos simples do cotidiano e no **encontro com outras Igrejas e Comunidades cristãs**, para se tornar um sinal de anúncio de Cristo, fonte de unidade; **com as religiões não-cristãs**, especialmente com **as religiões tradicionais e o Islã**, para ser sinal profético na busca comum de Deus; **com as culturas**, para transformar a humanidade através do compromisso comum de um mundo mais justo.

A espiritualidade herdada do Plano, este "*sentir o próprio coração bater em uníssono com o Coração de Cristo*", encorajamos a levar o "*beijo da paz*" a qualquer periferia geográfica e existencial, porque a África de Comboni tornou-se critério para reconhecer no mundo onde estão os "*mais pobres e abandonados*" e onde estão as "*pegadas do nosso magnânimo Pai*", e continuarmos a ser fiéis ao seu Plano no hoje da história, após 150 anos.

7. Conclusão

Queridas e queridos,

Portanto, temos muitos motivos para comemorar este evento, tantas razões para sermos orgulhosos disso e desafiados ao mesmo tempo, tantas razões para refletir.

Com São Paulo, o grande apóstolo missionário, dizemos: "*E o próprio Senhor nosso Jesus Cristo e Deus nosso Pai, que nos amou, e pela sua graça nos deu uma eterna consolação e uma boa esperança, console os vossos corações e os confirme para toda boa obra e palavra*" (2 Ts 2, 16-17).

Muitos de nós somos movidos pelo dom que Jesus deu à sua Igreja e a cada um de nós em São Daniel Comboni e no fruto

da nossa espiritualidade, **presença** na história junto dos pobres e dos excluídos, **caminho** com os povos, para que todos tenham vida e vida em abundância, **consciência** da temporaneidade de nossa presença e serviço, acreditando nas pessoas, nas suas capacidades de regenerar-se e na metodologia do diminuir, para que os outros cresçam.

Por isso, é importante para nós assumir *a justiça, a paz e a integridade da Criação (JPIC)* e o *diálogo e a reconciliação* como valores transversais que permeiam todos os ministérios. É igualmente importante para nós a revisão da nossa metodologia nos ministérios: *o fazer causa comum, o ser pedra escondida* para que outros cresçam, a inculturação e a inserção, o compromisso de trabalhar em rede/colaboração (com Igrejas locais, com a Família comboniana, com outras congregações, com organizações várias), abertos ao novo que se move na consciência da sociedade e em suas expressões.

Na escolha dos nossos ministérios, é necessário que nos deixemos ser desafiados pelos desafios emergentes, em especial pelo fenômeno do **tráfico** de pessoas, particularmente de mulheres e meninos/as, pela **imigração e refugiados**, pela situação dos **povos afrodescendentes, indígenas e pastores nômades**, para darmos respostas significativas hoje.

A reflexão sobre a missão em diálogo é de particular importância para cada um/a de nós, porque o mundo está se movendo em direção a um pluralismo religioso e cultural, desafiando as nossas convicções e nossa metodologia.

A herança carismática molda a nossa abordagem pastoral nos vários ministérios e abre as nossas mentes e os nossos corações para a dimensão essencial do **diálogo**, chamando-nos a *"sermos um sinal do amor de Deus no mundo, que é amor sem nenhuma exclusão nem preferência"*. Somos chamados/as, portanto, a tornar-nos *sinal profético* no diálogo e no serviço, ponte entre os povos, através da experiência cotidiana de

Nós gostaríamos de **ouvir** de novo, por meio dos pensamentos impressos no Plano, o grito de São Daniel Comboni que nos chama para consagrarmos a nossa vida àqueles que são no mundo de hoje os mais pobres e os mais abandonados, que têm direito de receber o anúncio da Palavra.

Achamos que é também uma oportunidade para **agradecer** ao Senhor pelo dom do Espírito que trabalhou no coração do nosso Fundador e na vida de muitos de nós que foram capazes de realizar o Plano para a Regeneração da África com a alegre doação de suas vidas na missão e para a missão.

Esperamos que estas linhas sejam um convite para continuarmos a viver a nossa consagração com a mesma paixão que moveu São Daniel Comboni desde o momento da primeira redação.

2. O Plano: uma vida, mais que um documento

Uma das primeiras impressões que se tem na leitura do Plano é, sem dúvida, de ser confrontados com um texto onde se respira vida, onde há paixão intensa e um grande desejo de encontrar as formas mais adequadas para responder à necessidade que os homens e as mulheres de todos os tempos têm de se encontrarem com Deus.

O Plano, portanto, não é um documento frio com regras definidas, onde tudo foi planejado e calculado. Em suas páginas respira-se um ar que expressa o sonho, o desejo, a urgência de transmitir vida e as intuições de quem crê na possibilidade de realizar o que muitos consideram impossível. Percebe-se um forte desejo de não abandonar a missão, especialmente no momento em que crescem as dificuldades e o futuro parece incerto. É um texto que exala a fragrância da fé, que encoraja a seguir em frente na certeza de que se trabalha para uma obra querida por Deus.

No Plano fala-se de um projeto que acompanha a vida e leva a concentrar todas as forças em uma única tarefa, de algo que se apropria de todo o coração, e não deixa espaço para outra obra que não seja a da missão. É uma ideia que vive com toda sua força mais no coração do que na cabeça: esta é uma forma concreta de traduzir em obra o amor que é reconhecido no coração.

O plano, na verdade, não nasceu na cabeça de Comboni, não é o resultado de sua especulação; ao contrário, nasceu do desejo de se tornar um instrumento de Deus para manifestar o amor a quem tem direito, todos seus filhos e filhas. Se nos lembramos do que Comboni escreveu em sua carta de 31 de Julho 1873, a Mons. De Girardin, vemos claramente que o Plano foi, antes de tudo, uma experiência e, em seguida, uma proposta por escrito.

3. Uma resposta missionária nascida da realidade

Ouçamos novamente o que nos diz Comboni: *“passei por todas as provas deste difícil apostolado... pensei no modo de voltar a este campo de batalha para nele sacrificar a vida para a salvação dos negros”* (Escritos 3302). O Plano não é uma simples estratégia pastoral, mas uma leitura e assimilação da realidade, cujos desafios tornam-se Daniel criativo e capaz de realizar um trabalho que tenha chances de sucesso para a missão.

Esse vem, portanto, da capacidade de ler e compreender a realidade em que estamos presentes, e interagir com ela. Uma realidade marcada pela escravidão, pelos critérios de lucro e da exploração, da impossibilidade, para os africanos, de viverem de acordo com a sua dignidade. Uma realidade onde os valores do Reino foram ignorados ou negados. Nesse contexto, o Plano se revela como obra humilde e inteligente ao mesmo tempo.

6.4 Partir novamente como Família comboniana e com o espírito do Plano

Desde 1996, e especialmente desde 2003, Comboni Santo se reapresenta a todos nós mais vivo e mais presente do que nunca com seu carisma, fazendo-nos reencontrar, para juntos festejá-lo. Eventos como a beatificação e a canonização foram momentos privilegiados para um conhecimento e celebração que também permitiram reconciliação e renovação de forças em torno do pai comum. Com alegria pudemos ver que, para celebrar momentos tão importantes, para não dizer únicos, da história comboniana, estávamos novamente todos: Irmãs Missionárias Combonianas, Missionários Combonianos do Coração de Jesus, Missionárias Seculares Combonianas, Leigos Missionários Combonianos e outros grupos de Leigos e Leigas. Unidos, também se diferentes, cada um com as próprias Constituições e um projeto específico de trabalho apostólico.

O evento do Aniversário que celebramos este ano, nos impulsiona a fazer memória do que já foi vivido, para um reavivamento que acolha os desafios e as perguntas que a realidade nossa e da vida missionária nos propõem. Comboni deixou-nos um estilo de ministerialidade fortemente enraizado em sua experiência mística e na paixão para a pessoa e para a missão. Esta sua experiência e paixão são inseparavelmente presentes nos vários aspectos – espiritual, místico, profético e metodológico – do Plano para a Regeneração da África.

As rápidas mudanças no mundo de hoje e os desafios das Igrejas e dos povos com quem vivemos, fazem surgir em nós a urgência de aprofundar, através de uma reflexão sistemática, a nossa ministerialidade comboniana vivida como **chamada** profundamente enraizada em Deus, **participação** na maternidade/paternidade de Deus que gera vida em um dom total e gratuito, **fraternidade** com Jesus, entre nós e as pessoas que servimos na poeira do seu caminho, **encarnação**

olhar, conscientes de que nos desafia a abraçar sem reservas e com entusiasmo a interculturalidade da missão hoje.

Como podemos ver, è um longo, rico e às vezes fadigoso caminho da Família comboniana, um caminho que merece e exige mais atenção hoje. É para aumentar a consciência e a firme determinação de cada um para trabalhar e ser missionários e missionárias na perspectiva do Plano em sua mais íntima energia e originalidade.

6.3 Vitalidade e atualidade do Plano

Estamos todos de acordo em reconhecer que a Igreja vive hoje um momento especial em relação à sua consciência missionária. Papa Francesco, desde o início de seu pontificado, ao dar a seu ministério de Bispo de Roma, um tom peculiar, sublinhou a urgência, a importância e a necessidade, por parte de cada cristão a viver a vocação missionária. Seu convite para sair, para ir às periferias existenciais para encontrar os irmãos e irmãs mais pobres, está despertando em toda a Igreja um novo espírito, que nos torna conscientes do tesouro que temos no Evangelho e da importância de comunicá-lo, para experimentar a alegria profunda.

Neste contexto de novo envio e de clareza sobre a necessidade de assumir a dimensão missionária do nosso batismo, estamos lidando com uma linguagem e uma proposta que fazem ver a missão como uma obra pertencente a todos, na medida em que nos reconhecemos discípulos de Jesus e associados à sua missão.

Este compromisso – dizem-nos – não pode ser responsabilidade apenas de um pequeno grupo ou de alguns que se sentem particularmente chamados a dar a vida para a missão; ao contrário, é um compromisso e trabalho de toda a Igreja: aqui certamente aparece a grande atualidade e vitalidade do Plano.

Ao olharmos para as nossas presenças missionárias e para a realidade dos ambientes em que atuamos, quantas vezes somos obrigados a reconhecer que a realidade, ainda hoje, não é muito diferente? Ainda hoje, na verdade, muitas vezes somos testemunhas de violência, violação dos direitos humanos, de exclusão e escravização de muitos dos nossos irmãos e irmãs.

4. Uma grande intuição

Lendo o Plano, é fácil descobrir uma multiplicidade de ideias, projetos, recursos a serem utilizados, que giram em torno de uma única ideia: é uma obra para a qual todos aqueles que se veem desafiados pela missão são chamados a contribuir, tornando a missão uma obra da Igreja.

“A Obra deve ser católica, não espanhola, francesa, alemã ou italiana. Todos os católicos devem ajudar os pobres negros, porque uma nação só, não pode socorrer toda a raça negra. As iniciativas católicas, como a do venerável Olivieri, a do Instituto Mazza, a do Padre Ludovico, a da Sociedade de Lião, etc., fizeram, sem dúvida, muito bem a um número de pessoas negras; porém, até agora, ainda não se começou a implantar o catolicismo na África e a fazê-lo arraigar aí para sempre. Pelo contrário, como o nosso Plano, nós aspiramos a abrir a via da entrada da fé católica em todas as tribos de todo o território em que vivem os negros. E para obter isto, parece-me, devem unir-se todas as obras até agora existentes, as quais, tendo desinteressadamente perante os olhos o nobre fim, deverão deixar de lado os seus interesses particulares” (Escritos 944).

É uma obra em que não há espaço para os protagonismos ou para as pretensões de querer agir sozinhos. O Plano é um trabalho de colaboração que envolve todos aqueles que

respondem com um coração generoso e deixa claro que a missão é um dom recebido e oferecido gratuitamente na alegria.

Comboni pensava em um grande “movimento missionário” para envolver todos e tudo na missão para a África, ele esperava encontrar “aprovação, apoio e ajuda no coração dos católicos de todo o mundo”. Por isso, ele percorreu longas distâncias, também pela Europa, pensando inclusive de chegar à América, para procurar colaboradores, ajudas econômicas, apoio espiritual...

A partir deste impulso, surgiram os Institutos Combonianos, e, mais tarde, o Instituto das Missionárias Seculares Combonianas e os Leigos Missionários Combonianos. Mas a obra é ainda mais extensa e continua a inspirar e motivar tanto aqueles que adotaram uma forma de vida consagrada quanto quem, como batizado, sente-se chamado para a missão. Continua para todos o desafio de como unir forças e vontade, para cooperar e dar um impulso contínuo à missão.

5. Inspirado por um encontro

“Creio que este plano è obra de Deus, porque me veio à mente a 15 de setembro, enquanto fazia o tríduo à Beata Alacoque; e no dia 18, em que essa serva de Deus foi beatificada, o Cardeal Barnabó terminava de ler o meu Plano. Trabalhei nele quase 60 horas seguidas” (Escritos 926).

O Plano, portanto, é o resultado de um longo processo de pesquisa, perguntas, consultas e da própria experiência difícil, mas não é só isso.

Há um outro fator que não deve ser esquecido: é o resultado de um encontro com o Senhor, as horas dedicadas à oração, buscando a vontade de Deus em toda aquela aventura.

do Concílio Vaticano II e da expansão das congregações fora do continente Africano, iniciou-se uma reflexão profunda sobre a identidade do carisma na fidelidade ao Plano, que envolveu todos os membros.

Ao longo dos anos, o trabalho – em conjunto – de “homens e mulheres”, como religiosos e religiosas, missionários e missionárias, trouxe alegria, ajuda mútua, crescimento, mas também fadiga, incompreensões e até mesmo divisões e feridas. Com a nova consciência da mulher sobre si mesma e de seu papel na Igreja e na sociedade, também as “Pie Madri della Nigrizia” reavaliaram o perfil que Comboni queria para elas no Plano: *“Eu fui o primeiro a fazer com que colabore no apostolado da África Central o onipotente ministério da mulher do Evangelho e da Irmã da caridade, que é o escudo, a força e a garantia do ministério do missionário”* (Escritos 5284).

Ao continuarmos o nosso percurso histórico, vemos que nos anos cinquenta do século passado, por intuição de um Missionário Comboniano, teve início o Instituto das Missionárias Seculares Combonianas, com a finalidade da cooperação missionária, ou seja, suscitar iniciativas e envolver a todos na missão. Esta intuição foi confirmada pelo Concílio Vaticano II, que trouxe uma nova consciência laical, da sua vocação específica na missão e de seu protagonismo total na missão.

Isso é demonstrado pela última expressão na ordem do tempo: o nascimento dos Leigos Missionários Combonianos e pela formação de grupos de leigos e leigas que, inspirados pelo carisma comboniano, se sentem como enriquecimento para toda a Família comboniana e para a Igreja missionária.

O resultado mais evidente que o espírito do Plano continuou a dar é a abundância de vocações religiosas e laicais à missão, provenientes de países que antes eram considerados “terra de missão”. Temos diante de nós um grande dom que devemos

passado, as combonianas e os combonianos estenderam sua presença nas Américas.

Das meninas africanas que Daniel Comboni tinha acompanhado com cuidado, para que chegassem a “*ser apóstolas na sua nação, com base no Plano*” (Escritos 2012), infelizmente nada mais se falou. Isto nos leva a compreender como um aspecto da instituição, em um certo tempo, tenha sido deixado de lado. Em parte é ainda assim: também hoje temos dificuldade para sairmos de um determinado protagonismo institucional a fim de valorizarmos a catolicidade do Plano, como Daniel Comboni desejou e previu.

O Plano, no entanto, não foi totalmente esquecido. Em torno de 1938, enquanto nas várias províncias e vicariatos da África Central confiados aos *Filhos do S. Coração*, multiplicavam-se os seminários que recebiam jovens africanos, um grupo de moças ugandesas manifestava o desejo de se consagrar a Deus na jovem Igreja particular.

Graças à sensibilidade dos combonianos e combonianas no acompanhamento destes grupos – bem como de outros, que surgiram ao longo dos anos – ficamos felizes ao ver hoje que vários destes grupos tornaram-se congregações locais autônomas, algumas com um forte espírito missionário expressado com comunidades em outros continentes, concretizando, deste modo, o sonho de Comboni.

Isso significa que, mesmo na ausência de uma declaração expressa das vontades, havia entre os filhos e filhas de São Daniel uma espiritualidade que sustentava a fidelidade ao espírito do Plano. Os Capítulos Gerais Extraordinários dos Institutos e a celebração dos centenários de fundação foram momentos fortes em que se fez uma profunda reflexão sobre a identidade carismática, sobre a espiritualidade e sobre o Plano de Comboni. Estes acontecimentos impulsionaram a pesquisa e o conhecimento direto dos Escritos de Comboni e da história dos Institutos. Em seguida, à luz dos documentos

Comboni não teve dúvida ao reconhecer que o Plano foi um dom de Deus, graça mediada por Maria, poder do Espírito que se mostrou generoso com suas inspirações. Neste sentido, o Plano é uma forma concreta de dizer que a obra missionária não é negócio humano. A missão é obra de Deus e, como todas as suas obras, exige muita fé, que só pode vir no silêncio da oração, no encontro que permite ouvir a vontade de Deus.

6. Uma experiência vivida pelas filhas e filhos de Comboni

6.1 Um olhar no passado, para melhor traçar o futuro

Não foram poucos esses filhos e filhas, a começar pelos primeiros 22 que a 29 de novembro de 1867, guiados por Daniel Comboni, partiram de Marselha com destino ao Egito. Eram dezesseis meninas africanas – nove das quais do Instituto Mazza em Verona –, três Irmãs de São José da Aparição e três religiosos Camilianos.

A primeira etapa da viagem era o Cairo, onde começaria a implementação do Plano, dando vida aos primeiros daqueles “*Institutos preparatórios*” que deveriam “*circundar a África*”.

Dois anos depois, em 1869, também no Cairo, Daniel Comboni confiou a direção de um terceiro instituto, a “*Sagrada Família*”, a quatro educadoras africanas, uma delas era a jovem Dinka Domitilla Bakhita. Era uma escola paroquial feminina e pública, aberta a meninas de todo rito e religião, incluindo o islamismo.

Foi um momento importante: o objetivo principal do Plano – *Regenerar a África com a África* – começava a se tornar realidade. Uma realidade que Comboni reforçou quatro anos depois, quando incluiu as jovens professoras africanas na expedição que, em 1873, ele mesmo guiou primeiro do Cairo a Cartum e em seguida de Cartum a El-Obeid, onde confiou a Domitilla, Fortunata Quascè e Faustina Stampais a fundação da “*Obra feminina*” do Cordofão.

Finalmente, em 1881, o Bispo Daniel enviou como pároco à comunidade promissora de Malbes, no Cordofão, Pe. Antônio Dobale, da tribo dos Galla, um dos onze “meninos Negros” que o Instituto Mazza acolhera em 1860 e que em 1878 *Propaganda Fide* tinha ordenado sacerdote para a África Central.

Nesse ponto, Daniele Comboni se sentia satisfeito com seus missionários: padres, irmãos (Pie Madri della Nigrizia), leigos e leigas. Uma confiança merecida, como demonstrou o trágico acontecimento daquele outono de 1881, a morte inesperada do Fundador.

Naquele momento, manifestou-se fortemente, para as Pie Madri della Nigrizia, a figura de Madre Bollezzoli que, com a carta de 18 de outubro de 1881, exortava firmemente as irmãs a permanecerem fortes seguindo as pegadas traçadas pelo Fundador: *“não volteis atrás, mas caminhai corajosamente nas pegadas do vosso magnânimo Pai”*. E continuou a seguir a inspiração do Plano, formando, ao longo do tempo, centenas de irmãs que partiam para a missão na África.

A irrupção da Mahdia, quando os missionários e missionárias enfrentaram a prisão, o martírio, e o êxodo forçado, foi uma experiência forte que deixou sua marca e testou a fidelidade ao Plano de Comboni.

Aqueles que conseguiram fugir para o Egito com Mons. Sogaro, tiveram também que lidar com o momento delicado da “passagem”, da transformação do Instituto originário a uma congregação religiosa masculina (1885).

E quando os primeiros *Filhos do Sagrado Coração* chegaram ao Egito, era evidente que algo havia mudado na escala de valores indicada pelo Fundador: agora, antes mesmo das necessidades da missão, era o espírito religioso – muito salientado durante o noviciado, pelos padres Jesuítas – que devia inspirar e orientar a vida da Comunidade.

Criava-se uma dolorosa e sofrida tensão entre instituição e carisma. Naquele tempo de mudanças, os que mais sofreram e suportaram as consequências foram principalmente os leigos e as meninas africanas que, de alguma forma, viram-se excluídos da instituição. Nem foi essa a única vez que pareceu diminuir a fidelidade ao carisma: não podemos deixar de registrar o fato doloroso da divisão dos combonianos em duas Congregações separadas.

6.2 Do Plano para a África e o mundo

Continuamos a dirigir o nosso olhar para a história: se a fidelidade ao Plano não se mostrava tão evidente entre os novos grupos de pessoas que continuavam a chegar ao Egito durante o tempo da diáspora, certamente não se podia dizer que tivesse diminuído o amor pela missão ou a paixão pela África.

Na verdade, o fim da Mahdia em 1898 viu todos os *Filhos do S. Coração* e as *Pie Madri della Nigrizia* prontos para retornar. Ademais, o Sudão, como território missionário, fora confiado à jovem congregação masculina (1894).

É só folhear as páginas de *Nigrizia* para ver a doação, por exemplo, dos vigários apostólicos Antônio Maria Roveggio e Francesco Saverio Geyer. O famoso barco da missão, recolocado em atividade, embora com nome diferente, retomou logo, ao longo do Nilo, a exploração do território que a Mahdia tinha forçado a abandonar. Em 1902 foi aberta, não muito longe de Gondokoro, entre os Shilluk, a missão de Lul.

Costanza Caldara (superiora geral das Pie Madri de 1901 a 1931) estava atenta às necessidades das novas missões; em 1900, Francesca Dalmasso e Maria Bonetti foram as primeiras entre as irmãs que estavam prontas, para retornarem ao Sudão e, se necessário, irem além. Nos anos seguintes, novas comunidades foram abertas em outros Países da Europa e Oriente Médio; e a partir dos anos cinquenta do século